O modo de vida urbano: pensando as metrópoles a partir das obras de Georg Simmel e Louis Wirth

Henrique Fernandes Antunes

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2565>

DOI: 10.4000/pontourbe.2565

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Henrique Fernandes Antunes, « O modo de vida urbano: pensando as metrópoles a partir das obras de Georg Simmel e Louis Wirth », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia , consultado o 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2565> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.2565>

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

O modo de vida urbano: pensando as metrópoles a partir das obras de Georg Simmel e Louis Wirth

Henrique Fernandes Antunes

- 1 As análises de Georg Simmel e Louis Wirth sobre o modo de vida nas metrópoles foram fundamentais para a constituição da sociologia e antropologia urbana enquanto campo de estudos. No entanto, Simmel e Wirth não apenas pensaram as grandes cidades e suas vicissitudes, mas vivenciaram-nas. Considerando tal afirmação, o presente ensaio não pretende se limitar a apresentar os principais conceitos e argumentos apresentados pelos autores, mas buscará demonstrar que sua produção intelectual foi fruto de uma intensa vivência nas metrópoles, na qual ambos se viram arrebatados pelas transformações e pelos novos problemas que estas apresentavam.
- 2 Deste modo, o trabalho possui dois objetivos: expor as análises de Simmel e Wirth sobre a vida nas grandes cidades e pensar o papel da relação entre pesquisador e metrópole a partir das experiências dos autores sob impacto das profundas transformações que ocorreram nas primeiras décadas do século XX em Berlim e Chicago. Além da análise conceitual, o ensaio buscará apresentar argumentos que possibilitem atestar que a obra dos autores é intrinsecamente devedora de suas vivências nas metrópoles, as quais não apenas os estimularam, mas forneceram um “laboratório” para o desenvolvimento de hipóteses e teorias sobre a vida nas grandes cidades e suas influências no modo de vida de seus habitantes.

Simmel e as particularidades da vida na metrópole

- 3 Em um clássico ensaio denominado “A metrópole e a vida mental”, Georg Simmel (1973 [1903]) propõe uma investigação que penetre no significado da vida moderna e que possa dar conta das exigências do modo de vida metropolitano. Para isso, o autor segue um percurso em que procura apontar as especificidades da vida na metrópole e de suas implicações, tendo como um dos eixos principais de análise as formas como a

personalidade se acomoda nos ajustamentos às forças externas nas grandes cidades e as condições psicológicas que as metrópoles criam (Simmel 1973 [1903]: 11-12). Ao contrário da condição primitiva de luta contra a natureza, o ponto central do modo de vida moderno seria, de acordo com Simmel, uma tensão entre interior e exterior, individual e supraindividual (Waizbort 2013: 316). Assim, um dos problemas centrais da vida moderna estaria circunscrito no conflito entre indivíduo e sociedade. Para Simmel, seria necessário, portanto, investigar o tipo de individualidade que a cidade grande estimula e constitui.

- 4 Um dos pontos centrais em sua perspectiva parte do princípio que a base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste em uma intensificação dos estímulos nervosos, resultado da alteração ininterrupta e brusca entre os estímulos exteriores e interiores. A rápida convergência de imagens em mudança, as descontinuidades presentes na apreensão rápida dos olhares e as impressões súbitas e inesperadas, dariam o tom dessa intensificação particular dos estímulos na vida da metrópole. Contrastando com a vida rural, com seu lento fluxo de estímulos sensoriais e a vida psíquica pautada no aspecto emocional, as metrópoles exigiriam de seus habitantes uma sensibilidade e uma vida psíquica capazes de se adequarem às vicissitudes da velocidade e heterogeneidade de estímulos que estas apresentam (Simmel 1973 [1903]: 11-12).
- 5 Segundo Waizbort (2013: 317), ao analisar o tipo de individualidade presente nas cidades grandes, Simmel tem em vista a caracterização de um tipo social determinado, em função das experiências a que estão sujeitos os metropolitanos pelo fato de viverem em grandes aglomerados. Ao contrário da lentidão habitual da vida rural e das cidades pequenas, na cidade grande os indivíduos se defrontam com uma variedade incomensurável e fugaz de imagens, as quais se apresentam à consciência ininterruptamente, de modo que a capacidade de atribuir sentido aos estímulos não acompanha a velocidade com que estes se apresentam aos indivíduos. Tal intensificação faz com que a noção de modernidade de Simmel esteja intrinsecamente associada ao movimento e à velocidade, fatores que influenciariam diretamente os processos que ocorrem no plano da consciência.

A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme. É precisamente nesta conexão que o caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana se torna compreensível – enquanto oposição à vida da pequena cidade, que descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais. (Simmel 1973 [1903]: 12).
- 6 A oposição entre campo ou cidade pequena e as cidades grandes refere-se à polarização entre mais o lento e o mais rápido, entre o habitual e o que se recusa a tornar-se habitual devido às rápidas mudanças (Waizbort 2013: 317). Como ressalta Waizbort, a oposição em questão indica que o elemento que as diferencia é, sobretudo, de natureza quantitativa. Contudo, trata-se de uma diferença quantitativa que se torna qualitativa. Partindo dessa indicação, é possível destacar no ensaio de Simmel expressões que fazem referência a tal polarização, como por exemplo, a oposição entre intelecto e sentidos emocionais, cabeça e coração, razão e sentimento. Deste modo, a oposição apresentada por Simmel trata, sobretudo, de distinguir o tipo metropolitano, caracterizado por uma personalidade intelectualizada, calculista e reservada, do habitante da pequena cidade, cuja vida seria baseada em relacionamentos emocionais mais profundos (Magnani 2012: 19)¹.
- 7 Seguindo essa linha argumentativa, Simmel aponta a predominância do intelecto sobre as emoções enquanto uma das principais características do habitante da metrópole. O

intelecto seria a mais adaptável de nossas forças interiores, sendo fundamental para a acomodação às rápidas mudanças e aos contrastes de fenômenos característicos das grandes cidades. A vida na cidade grande implicaria, portanto, uma predominância da inteligência nos indivíduos, na medida em que a intelectualidade seria um dos principais fatores responsáveis por preservá-los contra os inúmeros estímulos e o poder avassalador das forças sociais (Simmel 1973 [1903]: 12-13). Assim, a cidade grande seria o lugar específico, próprio e adequado da atitude racionalista, a qual preservaria a vida subjetiva, atuando como um mecanismo de defesa diante da ameaça de desintegração devido à intensidade e velocidade dos impulsos nas metrópoles (Waizbort 2013: 318-319).

- 8 Outro eixo de análise importante para Simmel diz respeito às implicações ligadas ao fato das grandes cidades serem a sede da economia monetária. Para Simmel (1973 [1903]: 13), o domínio do intelecto e a economia monetária estão intrinsecamente ligados e ambos contribuem para tornarem prosaicos os indivíduos e as coisas. Destacando a racionalidade das operações e interações na metrópole, em oposição aos laços emotivos dos pequenos agrupamentos, Simmel argumenta que uma pessoa intelectualizada torna-se indiferente a toda individualidade. Na mesma medida, a economia monetária e o dinheiro fazem com que o indivíduo torne-se um elemento que é por si só indiferente, reduzindo todo aspecto qualitativo a um número, o qual pode ser quantificado e mensurado. A objetividade do intelecto e de dinheiro ignoraria as qualidades individuais, as quais seriam absorvidas pela indiferença, em contraposição ao sentimento e a subjetividade que preservariam a individualidade e a diferença. Assim, a objetividade no tratamento das coisas e dos homens propiciada pelo intelecto condiz com uma configuração histórica na qual a lógica do dinheiro prevalece (Waizbort 2013: 319).
- 9 Partindo dessa análise conjuntural, Simmel (1973 [1903]: 14) procura demonstrar que a vida moderna se tornou cada vez mais calculista, principalmente a partir da preponderância da economia do dinheiro, com suas determinações numéricas, a redução de valores qualitativos à quantitativos, seus pesos, medidas e cálculos. Simmel argumenta que as condições da vida nas cidades grandes são simultaneamente causa e efeito dessa exatidão calculista, cuja necessidade é criada pela agregação de um grande número de pessoas com interesses diferenciados, mas que devem integrar suas interações em um organismo altamente complexo o qual agrega todas as relações e atividades em um calendário impessoal e estável (Simmel 1973 [1903]: 15). A organização racional do tempo e do espaço seria, portanto, um fator fundamental para o fluxo da vida nas metrópoles, exigindo técnicas próprias e esquemas supraindividuais que organizariam a multiplicidade e variedade em movimento contínuo (Waizbort 2013: 320-321). Deste modo, o estilo de vida moderno, característico das grandes cidades, criaria condições e necessidades específicas de sensibilidade e comportamento, explicitando a necessidade de técnicas e comportamento estilizados, os quais envolveriam um alto grau de objetividade, exatidão, calculabilidade, pontualidade e praticidade.
- 10 Na leitura do sociólogo, os mesmos fatores que culminaram na precisão e exatidão do modo de vida metropolitano e redundaram em uma estrutura impessoal, também influenciaram no desenvolvimento de um fenômeno psíquico que estaria incondicionalmente atrelado à metrópole: a atitude *blasé*. A atitude *blasé* seria o resultado dos estímulos que são impostos aos indivíduos devido às rápidas mudanças, mas também estaria ligada à intelectualidade metropolitana. Concomitantemente, uma vida que visa uma busca desregrada pelo prazer também tornaria uma pessoa *blasé*, na medida em que esta causaria uma agitação psicológica até um ponto crítico, de modo que tal intensidade

culminaria na falta de reações aos estímulos nervosos. Haveria, portanto, um aspecto fisiológico inerente à atitude *blasé* (Simmel 1973 [1903]: 16).

- 11 Um dos elementos centrais em tal atitude consistiria em uma atenuação do poder de discriminar, de modo que os valores das coisas seriam experimentados como desprovidos de substância. Elas apareceriam às pessoas uniformes, planas, foscas, não havendo objeto algum que merecesse preferência sobre outros. Como coloca Waizbort (2013: 328), o *blasé* é insensível, indiferente, fatigado, saturado, lasso. Seriam essas as características do habitante da cidade grande, pois a enorme quantidade de estímulos com que ele se vê defrontado ao viver na metrópole lhe exige uma incapacidade de responder adequadamente a tal fluxo.
- 12 Segundo Simmel, tal atitude seria também um reflexo da interiorização da economia monetária e seu aspecto nivelador, que torna o dinheiro o denominador comum de todos os valores. A indiferença da atitude *blasé* seria equivalente à do dinheiro. Simmel (1973 [1903]: 17) entende que o grande número de intercâmbios monetários e de circulação de mercadorias faz com que as metrópoles constituam a localização por excelência da atitude *blasé*. Nessa perspectiva, a cidade grande é um local de concentração, seja de dinheiro, de coisas e pessoas, a qual exige do indivíduo o máximo de seus nervos. Em contrapartida, a atitude *blasé*, a indiferença diante de todos e tudo, resulta em uma desvalorização de todos e tudo e, conseqüentemente, no sentimento de depreciação da própria individualidade (Waizbort 2013: 329).
- 13 Tal atitude mental consistiria, para Simmel, em uma forma de adaptação, uma recusa a reagir aos estímulos como forma de acomodação aos conteúdos e ao modo de vida metropolitano, tornando o contato com o estranho uma experiência corriqueira (Waizbort 2013: 323). Essa forma de auto-preservação diante das grandes cidades e que exige determinado comportamento social negativo, estaria atrelada ao que Simmel denominou de atitude de *reserva*. A *reserva* não estaria associada somente à indiferença, mas a um estado de aversão, uma estranheza e repulsão mútuas contra qualquer espécie de contato mais próximo. Essa atitude conferiria ao indivíduo da metrópole um grau de liberdade que não pode ser visto sob outras condições.

Se houvesse, em resposta aos contínuos contatos externos com inúmeras pessoas, tantas reações interiores quanto às da cidade pequena, onde se conhece quase todo mundo que se encontra e onde se tem uma relação positiva com quase todos, a pessoa ficaria completamente atomizada internamente e chegaria a um estado psíquico inimaginável. Em parte esse fato psicológico, em parte o direito a desconfiar que os homens tem em face dos elementos superficiais da vida metropolitana, tornam necessária nossa reserva. (Simmel 1973 [1903]: 17).
- 14 A reserva do habitante das grandes cidades seria, segundo Waizbort (2013: 330), uma forma de estilização do comportamento, uma espécie de transposição da indiferença no que se refere ao comportamento cotidiano e padronizado. Tratar-se-ia de um modo de auto-conservação em um meio hostil, em que as qualidades só têm validade se quantificáveis. A atitude *blasé* e a *reserva* dotariam o homem metropolitano de uma liberdade que destoaria se comparada a pequenez e preconceitos presentes nas pequenas cidades. Tal liberdade seria a contrapartida do círculo social mais amplo no qual os habitantes das grandes cidades estão inseridos. A liberdade se torna, portanto, uma das características fundamentais do tipo metropolitano que, ao tornar-se apenas mais um em meio à massa, liga-se através de conexões muito mais tênues e longínquas ao todo (Waizbort 2013: 332).

- 15 Por outro lado, o reverso de tal liberdade seria frequentemente experimentado na forma de solidão. Na leitura de Simmel (1973 [1903]: 20) não há uma associação necessária entre a liberdade experimentada pelos moradores da metrópole e uma sensação de conforto ligada a vida emocional. Deste modo, a cidade grande proporcionaria uma nova forma de solidão, mais intensa, e que não existia antes do surgimento dos grandes aglomerados (Waizbort 2013: 324). Os metropolitanos são indiferentes e o princípio da indiferença apaga os traços pessoais, envolvendo os indivíduos em uma multidão que é anônima. O anonimato e a impessoalização seriam a contrapartida de uma objetividade característica do modo de vida moderno das grandes cidades.
- 16 Para além dos aspectos propriamente psicológicos, Simmel argumenta que a liberdade associada à reserva dos metropolitanos está atrelada também a um desdobramento social de maior amplitude, o afrouxamento da rigidez interna e da unidade dos grupos sociais por causa do crescimento demográfico e a crescente divisão do trabalho. Esse processo dotaria o indivíduo de liberdade e propiciaria um aumento da individualidade no interior da vida urbana. Segundo Simmel, quanto menor o círculo social, mais restritas são as relações com os integrantes do grupo, dissolvendo os limites da individualidade. Por outro lado, um alto grau de especialização, quantitativa e qualitativa, romperia a estrutura dos pequenos círculos sociais (Simmel 1973 [1903]: 19).
- 17 Assim, o modo de vida metropolitano seria caracterizado, de um lado, pelo processo de diferenciação o qual conduziria a um crescimento das particularidades individuais. De outro, o indivíduo seria progressivamente objetificado, tornando-se um mero elo em uma enorme organização de coisas e de poderes. Na leitura de Simmel, tal conjuntura é explicitada pela dificuldade por parte dos habitantes da metrópole em afirmarem sua individualidade, chegando a atitudes extremas para preservar sua exclusividade e particularidade, resultando em tendências a adotar peculiaridades, extravagâncias, maneirismos, caprichos, preciosismos, em uma busca progressiva para “ser diferente” (Simmel 1973 [1903]: 22).
- 18 Em suma, na busca dos elementos que constituiriam a vida mental e o modo de vida nas grandes cidades, Simmel assinala constantemente as tensões entre indivíduo e sociedade, entre interior e exterior, individual e supraindividual. Articulando análises psicológicas e sociológicas, procurou apontar as implicações de alguns dos paradoxos da vida nas metrópoles, como o seu alto grau de proximidade física e distância emocional, a liberdade extrema e a solidão em meio à multidão, o crescimento das diferenças individuais e uma progressiva objetificação do indivíduo. Para além de tais constatações, Simmel (1973 [1903]: 24-25) ressalta o papel estratégico das cidades grandes enquanto arena para as lutas, entrelaçamentos e mudanças nas maneiras de definir o papel do indivíduo no todo da sociedade. Em sua leitura, a metrópole consistiria, portanto, um tipo específico de formação histórica, cujas particularidades apresentariam condições peculiares para o desenvolvimento de formas de conferir papéis aos indivíduos. Nessa nova conjuntura histórica, Simmel se exime do papel de juiz, afirmando que independentemente da forma como o fenômeno da metrópole toca o pesquisador, seja de forma simpática ou antipática, não cabe acusar ou perdoar, mas compreender.

Louis Wirth e o urbanismo como modo de vida

- 19 Louis Wirth foi um dos sociólogos mais proeminentes da Escola de Chicago², destacando-se principalmente por sua preocupação em desenvolver uma teoria sobre o urbanismo pautada em uma abordagem geral e teórica. De acordo com Wirth (1973 [1938]: 121), somente quando possuísse uma compreensão clara do que caracteriza a cidade enquanto entidade social e estivesse dotado de uma teoria sobre urbanismo o sociólogo poderia desenvolver um corpo unificado de conhecimentos, produzindo efetivamente uma “sociologia urbana”.
- 20 Contudo, antes de apresentar sua teoria sobre o urbanismo, Wirth inicia sua análise expondo o papel das cidades na contemporaneidade³. O sociólogo indica que o início do que pode ser considerado marcadamente moderno diz respeito ao crescimento das grandes cidades e à concentração em gigantescos agregados. O crescimento das cidades e a urbanização são, para Wirth, alguns dos fatos mais notáveis dos tempos modernos. Tomando os EUA como laboratório de análise, apontou que a mudança brusca de uma sociedade rural para uma predominantemente urbana foi acompanhada por alterações profundas na vida social em todas as suas fases. Segundo Wirth, tais modificações chamariam a atenção dos sociólogos para as diferenças entre o modo de vida rural e urbano, cujo exame configuraria um pré-requisito indispensável para a compreensão de alguns dos problemas contemporâneos mais cruciais da vida social (Wirth 1973 [1938]: 98)⁴.
- 21 Apesar da importância do crescimento das cidades, Wirth (1973 [1938]: 99-100) argumentava que havia uma falta de conhecimento sobre o urbanismo e sobre o processo de urbanização. Para suprir tal lacuna, o autor propôs a elaboração de uma abordagem sociológica da cidade que serviria para atentar para as inter-relações existentes entre estas, enfatizando suas características peculiares enquanto uma forma particular de associação humana. Deste modo, o desenvolvimento de uma definição sociológica do que seria uma cidade teria por objetivo selecionar os elementos do urbanismo que o destacariam enquanto um modo de vida distinto de outros agrupamentos humanos⁵.
- 22 Para Wirth (1973 [1938]: 100), nenhuma definição de urbanismo poderia ser considerada satisfatória se considerasse apenas os números como critério único. Deste modo, o urbanismo não poderia ser identificado com a entidade física da cidade. Considerar uma comunidade enquanto urbana levando em consideração apenas o tamanho como base para a análise implicaria necessariamente uma perspectiva arbitrária. Na perspectiva de Wirth, tais concepções, as quais partem apenas dos números, da densidade da população e de outras variáveis quantitativas, impediriam de se chegar a um conceito de urbanismo como modo de vida. No entanto, o sociólogo reconhecia que os grandes agregados e a densidade são fatores que não poderiam ser ignorados ao se definir a cidade:
- Para fins sociológicos, uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos. Com base nos postulados que essa definição tão pequena sugere, poderá ser formulada uma teoria sobre urbanismo à luz dos conhecimentos existentes, relativos a grupos sociais. (Wirth 1973 [1938]: 104).
- 23 Quanto à questão do urbanismo, esta se refere principalmente à acentuação das características que definem o modo de vida associado com o crescimento das cidades e com as mudanças dos modos de vida reconhecidos como urbanos. Wirth (1973 [1938]: 101)

chama a atenção para os riscos de se confundir o urbanismo com o capitalismo moderno e o industrialismo. Não se trata apenas de uma relação quantitativa, mas de um conjunto de relações qualitativas que distinguem um modo de vida característico das grandes cidades. Na perspectiva de Wirth, não seriam os traços característicos físicos, como a concentração e densidade, que definiriam uma cidade, mas a capacidade de moldar o caráter da vida social a sua forma especificamente urbana.

- 24 Nesse sentido, Wirth (1973 [1938]: 105) propôs como problema central para o sociólogo da cidade a investigação das formas de ação e organização social que emergem em agrupamentos compactos que se apresentam relativamente permanentes e com um grande número de indivíduos heterogêneos. O sociólogo procurou expor um número limitado de características que identificassem a cidade, com o intuito de estabelecer proposições essenciais de uma teoria sobre o urbanismo. Para isso, apresentou um conjunto de proposições sociológicas acerca da relação entre a *quantidade da população*, sua *densidade*, e a *heterogeneidade dos habitantes e da vida social*.
- 25 Partindo desse conjunto de elementos, Wirth (1973 [1938]: 107) argumentou que o aumento do número de habitantes acima de certo limite afetaria necessariamente as relações entre estes e a cidade. Com efeito, grandes números implicariam uma maior quantidade de variação individual, e, quanto maior o número de indivíduos em processos de interação social, maior seria a diferenciação entre eles. As variações presentes em um agregado cujos membros apresentam origens e formações bastante diversas teriam por consequência, segundo Wirth, o enfraquecimento dos vínculos de parentesco e o desaparecimento dos sentimentos comunitários característicos das sociedades tradicionais.
- 26 Valendo-se da análise de Weber, Wirth assinalou que o grande número de habitantes e a densidade do agrupamento implicariam uma ausência de relações de conhecimento pessoal mútuo entre estes. Tal configuração resultaria, portanto, em uma modificação no caráter das relações sociais (1973 [1938]: 108). Nesse panorama, a concorrência e os mecanismos sociais de controle substituiriam os vínculos de solidariedade presentes em sociedades tradicionais. Na leitura de Michel Agier (2011: 85), o declínio do significado social da família e o abrandamento das relações de parentesco é um dos fatores centrais que resultam no individualismo do modo de vida urbano apontado por Wirth.
- 27 Wirth (1973 [1938]: 109) também dialoga com a obra de Simmel⁶, indicando que a multiplicação de indivíduos produz, além do enfraquecimento dos laços de parentesco, uma segmentação das relações humanas. Sua análise parte do princípio que haveria uma maior interdependência entre os cidadãos de uma cidade na medida em que estes ocupariam papéis bastante segmentários. Tal interdependência entre os cidadãos seria expressa pelo alto grau de contatos secundários, ao invés de primários. De acordo com Wirth:
- Os contatos da cidade podem na verdade ser face a face, mas são, não obstante, impessoais, superficiais, transitórios e segmentários. A reserva, a indiferença e o *ar blasé* que os habitantes da cidade manifestam em suas relações podem, pois, ser encarados como instrumentos para se imunizarem contra as exigências pessoais e expectativas de outros. (Wirth 1973 [1938]: 109).
- 28 Nota-se que Wirth apresenta uma análise convergente com a de Simmel, encarando a impessoalidade, a superficialidade, a indiferença e o *ar blasé* como mecanismos de defesa dos cidadãos com relação às exigências da vida nas grandes cidades. Wirth assinala que o anonimato, o superficialismo e o caráter transitório das relações urbano-sociais

explicariam, também, a racionalidade comumente atribuída aos habitantes das grandes cidades. Recorrendo à análise de Simmel, Wirth argumenta que o contato físico estreito de numerosos indivíduos produziria necessariamente uma transformação nas formas através das quais estes se orientam em relação ao meio urbano. As grandes cidades se caracterizariam, na perspectiva dos autores, por contatos físicos estreitos e contatos sociais distantes entre seus membros, configuração essa que promoveria uma tendência de adquirir e desenvolver uma sensibilidade cada vez mais distanciada do domínio da natureza. Segundo Wirth (1973 [1938]: 112), a exposição a um grande número de contrastes, a abrupta transição entre um mosaico de mundos sociais e a justaposição de modos de vida divergentes tenderiam a produzir uma perspectiva relativista, um senso de tolerância de diferenças, os quais seriam pré-requisitos para a racionalidade promovida pelo modo de vida urbano. Depreende-se, portanto, que a perspectiva de Wirth, assim como a de Simmel, aponta para uma relação intrínseca entre o intelecto e a vida cidadina.

- 29 Em contrapartida, Wirth ressaltou que a liberdade e a emancipação com relação aos controles emocionais e pessoais propiciados pela racionalidade implicariam uma perda do senso de participação em uma sociedade integrada, constituindo um estado de vazio social ou de anomia. O triunfo do individualismo e da anomia no modo de vida urbano presente na análise de Wirth, corresponde à fragmentação no plano moral e espacial que substituíram as formas do clã, da linhagem e da família, resultando em estruturas sociais cuja eficácia encontrava-se enfraquecida (Agier 2011: 118). Como assinala Agier, ao valer-se da noção de anomia para apresentar a cidade como o mundo do indivíduo, Wirth desloca o conceito durkheimiano, o qual deixa de ser encarado como explicação dos comportamentos individuais desordenados que podem levar ao suicídio, para tornar-se parte fundamental da cultura urbana (Agier 2011: 64).
- 30 No que se refere à questão da *densidade*, Wirth (1973 [1938]: 111) se vale da abordagem de Durkheim (1999 [1893]), apontando que um aumento na densidade populacional também tenderia a produzir uma diferenciação e especialização. Assim, a densidade reforçaria o efeito que as grandes populações exercem sobre a diversificação dos indivíduos, de suas atividades, resultando, conseqüentemente, em um aumento da complexidade da estrutura social. A especialização dos indivíduos, por sua vez, acentuaria a divisão do trabalho, promovendo um grau extremo de interdependência e um equilíbrio instável da vida urbana, que seria amplificada pela tendência das cidades em se especializar em determinadas funções.
- 31 Esse arcabouço social ramificado e diferenciado de estratificação social resultaria, por sua vez, em uma maior mobilidade dos indivíduos, sujeitos a um status flutuante no interior de grupos sociais heterogêneos, os quais comporiam a estrutura social das cidades. Assim, a *heterogeneidade* estaria associada, segundo Wirth, aos interesses variados emanados dos diferentes aspectos e domínios da vida social, de modo que os indivíduos se tornariam membros de grupos bastante particularizados e até mesmo divergentes. Além disso, haveria uma rápida substituição dos membros dos grupos sociais, em parte resultado da crescente mobilidade social e da liberdade de circulação dos indivíduos. Na análise de Wirth (1973 [1938]: 113-114), tais fatores transformariam os indivíduos na base das massas fluidas, tornando imprevisíveis e problemáticos o comportamento coletivo nas grandes cidades.
- 32 Apesar da presença de populações altamente diferenciadas, as grandes cidades também exerceriam, em contraposição, uma influência niveladora e um processo de despersonalização dos indivíduos. A tendência niveladora estaria intrinsecamente

associada, segundo Wirth, à base econômica da cidade e ao processo de divisão do trabalho, os quais acarretariam em uma padronização de processos e produtos, e, às instituições sociais de utilidade pública, como as administrativas, políticas, educacionais, culturais. Contribuindo com essa tendência niveladora, destaca-se o surgimento de uma miríade de rotinas e de controles sociais associados à padronização temporal e espacial – cujos símbolos por excelência seriam o relógio e o sinal de trânsito – com o intuito de neutralizar a desordem em potencial promovida pela metrópole.

- 33 Em linhas gerais, o modo de vida urbano apresentado por Wirth caracteriza-se, portanto, pela diversificação, especialização, pelo declínio do significado social da família e enfraquecimento dos laços de parentesco, por contatos físicos próximos e relações sociais distantes, ou seja, pela substituição dos contatos primários pelos contatos secundários, fatores esses que culminariam na corrosão na base tradicional de solidariedade social. A ruptura das estruturas sociais rígidas fez com que as cidades grandes fossem decompostas, segundo Wirth, em uma série de relações segmentárias tênues, produzindo um alto grau de mobilidade, instabilidade e insegurança entre os indivíduos. Em contrapartida, o sociólogo destacou que apesar do abrandamento dos laços de associação, o modo de vida urbano envolveria um grau de interdependência maior entre os indivíduos e uma forma mais complexa e frágil de inter-relações mútuas das quais estes não conseguiriam exercer controle algum (1973 [1938]: 118-119).
- 34 A proposta de examinar o fenômeno do urbanismo a partir de um conjunto de categorias básicas – número, densidade do agrupamento e o grau de heterogeneidade – foi o caminho encontrado por Wirth para elucidar as características da vida urbana. Em sua perspectiva, uma teoria do urbanismo e da cidade propiciaria uma melhor compreensão dos problemas sociais característicos das grandes cidades. Tal compreensão poderia contribuir para a eventual solução de questões como pobreza, habitação, planejamento urbano, dentre outras. A proposta de Wirth de elaborar uma teoria que pudesse alicerçar uma sociologia urbana pautava-se, portanto, em uma preocupação intrínseca com as vicissitudes e problemas sociais que resultaram do advento do modo de vida urbana e do crescimento das cidades a um ponto sem precedentes.

A Berlim de Georg Simmel e Chicago de Wirth: pensando a relação entre sociólogo e a metrópole

- 35 Após a exposição das análises de Simmel sobre a vida mental na metrópole e de Wirth acerca do modo de vida urbano, cabe agora empreender uma breve reflexão sobre a relação entre os pensadores em questão e o impacto de viverem em grandes cidades – Berlim e Chicago – e presenciarem transformações que se tornaram parte de seus objetos de estudo e reflexão.
- 36 Segundo Waizbort, (2013: 311), a relação de Simmel com a metrópole caracterizou-se como um marco importante para sua obra. Simmel nasceu em 1858 em um dos pontos de maior movimento em Berlim, no cruzamento das maiores ruas de comércio da cidade. Berlim desenvolveu-se consideravelmente ao longo do século XIX, podendo ser considerada uma cidade tardia pelos padrões europeus. Waizbort apresenta-a como uma grande cidade onde tudo era novidade, novos espaços, luz elétrica, pobreza, prostituição, magazines, ruas de comércio, barulho, passagens, trens, bondes, automóveis, dinheiro, política, artes, exposições, estranhos. Em 1920, Berlim já era a segunda maior cidade

européia em população, depois de Londres. Porém, mais do que todas as outras cidades européias ela era o modelo da cidade moderna (Waizbort 2013: 313). Ao contrário de Londres e Paris, não havia partes antigas na cidade:

Para realizar o seu presente, a cidade ignora e rompe com o seu passado. Tudo é novo. Não há velhos habitantes; a maioria são imigrantes que chegam à cidade em um fluxo ininterrupto; grandes massas afluem, para acompanhar e promover o desenvolvimento. (Waizbort 2013:313)

- 37 Berlim é descrita como uma metrópole industrial, mas também política, financeira e cultural, comparando-a inclusive com as cidades americanas por sua atualidade. Nas palavras de Waizbort, no início do século XX “Berlim já é a Chicago da Europa” (2013:314). No entanto, a cidade não possuía uma infraestrutura capaz de acompanhar o rápido crescimento populacional. A miséria da população era visível na pobreza das habitações. A prostituição andava de mãos dadas com a industrialização e era contemporânea das massas na cidade grande.
- 38 Simmel acompanhou as transformações da cidade e esse processo constituiu um elemento central na configuração de sua teoria do moderno. Sua teoria trata, segundo Waizbort, precisamente do seu enfrentamento com a cidade em que vivia, de modo que suas experiências pessoais formaram o material que possibilitou a tentativa de apreender conceitualmente as transformações ocorridas nas grandes cidades. Como aponta Waizbort (2013: 315), “o que é específico de Berlim serve como impulso e ponte para analisar o que é genérico”. Não há dúvida, portanto, de que a sociologia da cidade grande, que Simmel procurou desenvolver, foi um resultado de suas próprias experiências em Berlim.
- 39 Paralelamente, Chicago passou, como aponta Magnani (2012: 20), por um vertiginoso crescimento a partir dos anos 1920, principalmente por causa de aportes migratórios, os quais acarretaram em uma sequência de problemas. A cidade passava por rápidas mudanças e uma diversidade de grupos heterogêneos disputava os espaços através de uma competição intensa. Chicago tornou-se, por volta da década de 1930, a segunda maior aglomeração dos Estados Unidos e a quinta maior do planeta, com uma população que passava dos três milhões de habitantes (Agier 2011: 63). Segundo Agier, além de um “laboratório” para experiência de contatos interétnicos, Chicago era também um lugar de emergência de problemas sociais novos, como segregação, vagabundagem, desemprego, etc. Esse conjunto de problemas impôs-se como tema urgente de investigação para os intelectuais da Escola de Chicago – como Robert E. Park, Robert Redfield, Louis Wirth, dentre outros – os quais produziram, nos anos 1920 e 1930, uma série de trabalhos empíricos e de instrumentos teóricos que fizeram com que fossem considerados, segundo Agier, o grupo “fundador” da investigação urbana nas ciências sociais⁷.
- 40 Dentre os sociólogos da Escola de Chicago, Louis Wirth pode ser considerado como o maior teórico de estudos urbanos (Velho 1973: 8). Wirth – que era alemão, mas ganhou notoriedade acadêmica nos Estados Unidos – assimilou a influência de cientistas sociais europeus, principalmente Simmel, para produzir no final da década de 1930 a formulação de sua teoria do urbanismo. Na perspectiva de Otávio Velho, Wirth é o “sociólogo urbano” por excelência, o qual valeu-se do urbano – com sua ênfase na mobilidade, segmentação de papéis e nos grupos secundários – enquanto categoria explicativa preponderante. Além das análises mais gerais sobre o modo de vida urbano, Wirth também dedicou-se a estudos de caso aprofundando-se nas particularidades da cidade de Chicago, como *The Ghetto* (Wirth 1956), uma etnografia sobre o bairro judeu (Magnani 2012: 21). O sociólogo, assim como os demais representantes da Escola de Chicago, não limitou-se, portanto, a

problematizar e teorizar acerca da metrópole, mas se permitiu empreender uma imersão em suas peculiaridades, adentrando profundamente no cotidiano por vezes caótico que a cidade apresentava.

- 41 Partindo desse breve recuo enfocando a relação entre pesquisador e metrópole, é possível concluir que Simmel, Wirth, assim como os demais pesquisadores da Escola de Chicago, buscaram compreender as profundas mudanças sociais nas metrópoles em que vivam e as quais lhes afetavam profundamente a partir de suas próprias experiências. O impacto das profundas transformações na Berlim e Chicago das primeiras décadas do século XX não apenas os estimulou como propiciou um “laboratório” para os pensadores em questão problematizarem e desenvolverem teorias de fôlego sobre as metrópoles e suas influências no modo de vida de seus integrantes. Assim, a tentativa de empreender teorizações gerais, mas sem deixar de lado os dados e impressões etnográficas provenientes das metrópoles em que viviam, possibilita atestar a longevidade de suas análises, assim como a contribuição de tais pensadores para a posterior consolidação da sociologia e da antropologia urbana.

Considerações finais

- 42 O escopo do presente ensaio foi apresentar brevemente as análises de Georg Simmel sobre a “vida mental na metrópole” e de Louis Wirth acerca do “urbanismo como modo de vida”. Em um primeiro momento, expus os principais pontos do ensaio de Simmel. Em seguida, apresentei os argumentos de Wirth e sua teoria sobre o urbanismo. Em um plano geral, o exame dos temas centrais de tais obras nos permite apreender alguns pontos de convergência acerca das análises de Simmel e Wirth. Ambos os autores partiram de uma polarização entre mundo rural e a cidade grande enquanto elemento explicativo, apontando que a vida nas grandes cidades acarretava um enfraquecimento dos laços de parentesco, bem como uma segmentação das relações humanas, ressaltando como resultado de tal conjuntura, uma maior interdependência entre os cidadãos. Na concepção dos autores, a interdependência seria expressa pelo alto grau de contatos secundários, ao invés de primários, por contatos físicos próximos e relações sociais distantes.
- 43 Wirth encarava, assim como Simmel, a impessoalidade, a indiferença e a atitude *blasé* como mecanismos de defesa, fruto das exigências da vida nas grandes cidades. Para os autores, o anonimato, o superficialismo e o caráter transitório das relações urbano-sociais estariam intrinsecamente ligados à racionalidade comumente atribuída aos habitantes da metrópole. Deste modo, ambos compartilham a perspectiva de que a vida nas grandes cidades contribuiu para o desenvolvimento de uma sensibilidade cada vez mais distanciada do domínio da natureza. Além disso, tanto Wirth como Simmel atentaram para os contrastes entre individualidade e despersonalização, liberdade e interdependência, proximidade física e distância emocional.
- 44 Outro ponto em comum que foi ressaltado no presente trabalho diz respeito a um aspecto mais amplo, a saber, a relação entre os sociólogos e as metrópoles em que viviam. Pretendeu-se demonstrar que as análises dos autores eram devedoras de suas experiências nas metrópoles, dos problemas e transformações que vivenciaram ao longo de suas trajetórias de vida. Assim, foi ressaltado que a emergência de uma sociologia e antropologia urbanas foi, em grande medida, fruto dessa relação entre pesquisador e metrópole. Contudo, tal relação já foi apontada anteriormente. Como destacou Otávio

Velho (1973: 8), a concepção de uma sociologia urbana não surgiu inicialmente de uma preocupação com a elaboração de uma teoria, mas da necessidade de enfrentar problemas práticos ligados ao vertiginoso crescimento das grandes cidades, o qual acompanhou o processo de industrialização e de desenvolvimento capitalista, sobretudo nos Estados Unidos a partir da massa de contingentes europeus que imigraram para o país no final do século XIX e início do XX. Tal crescimento – que resultou em uma série de fenômenos desconhecidos até então, principalmente em termos da escala e abrangência, como sub-habitação, delinquência, problemas de planejamento urbano – possibilitou a um conjunto de pesquisadores que tomaram a metrópole como objeto de estudo, tentar elaborar análises que pudessem apresentar respostas aos desafios práticos, constituindo, assim, a sociologia urbana enquanto campo de estudos.

BIBLIOGRAFIA

- AGIER, Michel. 2011. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- BECKER, Howard S. 1996. *Conferência: A Escola de Chicago*. In: Mana: Estudos de Antropologia Social, v. 2, nº. 2. Rio de Janeiro: PPGAS-MN/UFRJ, pp. 177-188.
- DURKHEIM, Émile. 1999 [1893]. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.
- FRÚGOLI JR., Heitor. 2005. *O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia*. Revista de Antropologia – USP, São Paulo, v. 48, nº 1.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2012. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- PARK, Robert Ezra. 1973 [1925] “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- SIMMEL, Georg. 1973 [1903]. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- VELHO, Otávio Guilherme. 1973. “Introdução”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- WAIZBORT, Leopoldo. 2013. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/ Editora 34.
- WEBER, Max. 1999 [1922] “A dominação não legítima – tipologia das cidades”. In: *Economia e Sociedade*, Vol. 2. Brasília: Editora UnB.
- WIRTH, Louis. 1956. *The Ghetto*. Chicago: University of Chicago.
- _____. 1973 [1938]. “O urbanismo como modo de vida”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

NOTAS

1. De acordo com Magnani (2012: 18), esta oposição, expressa na obra de Simmel a partir da distinção entre a vida rural e metropolitana, remete a outra importante polarização presente na obra de pensadores que trataram o fenômeno das grandes cidades como objeto de pesquisa, a saber, a diferenciação entre “comunidade” e “sociedade”. Como aponta o antropólogo, é possível encontrar nos trabalhos de autores como Émile Durkheim, Ferdinand Tönnies, a utilização do termo “comunidade”, ou outro termo equivalente, mas sempre em oposição ao de “sociedade” (*idem*). Frúgoli (2005: 137), por sua vez, aponta as polaridades solidariedade mecânica/orgânica (Durkheim), tradicional/racional (Weber), comunidade/sociedade (Tönnies), como distintas versões da polarização entre tradicional/moderno.
2. Em uma conferência, Howard Becker (1996) expôs algumas das principais contribuições da Escola de Chicago, apresentando brevemente a trajetória de seus principais representantes.
3. Cabe lembrar que o período ao qual Wirth está se referindo trata-se das décadas iniciais do século XX.
4. Apesar de chamar a atenção para as diferenças entre os modos de vida rural e urbano, Wirth (1973 [1938]: 99) ressalta que a cidade foi fruto do crescimento e não de uma geração instantânea, de modo que esta não seria capaz de eliminar completamente os modos de associação humana que predominavam anteriormente. O sociólogo frisa que boa parte da população das cidades foi recrutada do campo. Tal fator implicaria na impossibilidade encontrar uma variação descontínua e abrupta entre os tipos urbano e rural. É necessário destacar que Wirth encara a sociedade urbano-industrial e a rural como tipos ideais de comunidades, a partir dos quais seria possível obter uma perspectiva de análise de modelos básicos de associação humana.
5. Wirth (1973 [1938]: 104) argumenta que não havia, até as décadas iniciais do século XX, um conjunto de hipóteses e postulados associados a uma definição sociológica da cidade. De acordo como o sociólogo, as obras que mais se aproximam de uma definição de cidade e de uma teoria do urbanismo dizem respeito a um ensaio de Max Weber (1999 [1922]), intitulado na tradução brasileira de *A dominação não-legítima - tipologia das cidades*, e, um artigo de Robert E. Park (1973 [1925]), *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. Segundo Wirth, apesar das importantes contribuições de tais obras, estas não constituem um arcabouço ordenado e coerente de teoria sobre a cidade e o urbanismo.
6. É necessário destacar que a obra de Simmel foi apresentada aos pesquisadores da Escola de Chicago por meio de Robert Ezra Park, que foi aluno de Simmel na Alemanha.
7. A Escola de Chicago se destacou, segundo Magnani (2012: 20), pelos estudos empíricos baseados em temas específicos, como prostituição, delinquência, minorias étnicas, criminalidade os quais foram agrupados sob a rubrica de ‘patologia social’. Vale destacar também a influência dos sociólogos europeus, como o próprio Simmel e Durkheim, tendo em vista a preocupação teórica dos autores da primeira e segunda geração de Chicago em relação a temas como anomia, coesão e consenso.

ÍNDICE

Keywords: Georg Simmel, Louis Wirth, urbanism

Palavras-chave: Georg Simmel, Louis Wirth, urbanismo

AUTOR

HENRIQUE FERNANDES ANTUNES

Doutorando PPGAS/USP. hictune@yahoo.com